



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA AMÉRICA  
LATINA**

Mariana Gonçalves Campos de Brito

Rio de Janeiro

2021

MARIANA GONÇALVES CAMPOS DE BRITO

**LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA AMÉRICA  
LATINA**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na  
habilitação Português/Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Eduardo Gutierrez

RIO DE JANEIRO

2021

Gonçalves Campos de Brito , Mariana  
Literatura de autoria feminina na América Latina / Mariana  
Gonçalves Campos de Brito. -- 2021.  
33 f.

Orientador: Rafael Eduardo Gutierrez.  
Monografia (graduação em Bacharel em Letras  
Português/Espanhol) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro  
de Letras e Artes, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f.31-33.

1. Literatura Hispano-americana. 2. América Latina. 3. Mulher. 4.  
Feminismo. I. Brito/Mariana Gonçalves Campos de. II – Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. III. Literatura de  
autoria feminina na América Latina.

*Dedico este trabalho ao meu esposo Adriel Rodrigues,  
pela dedicação e compreensão para comigo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu amado marido e melhor amigo, Adriel, por apoiar as minhas decisões, por ter estado comigo presente em toda a graduação, me incentivando e se desdobrando para me ajudar na realização deste trabalho, trazendo tranquilidade e otimismo durante o processo.

Agradeço às minhas cachorras, Sofia e Mel, que estavam sempre por perto, me fazendo rir nos momentos mais tensos, me dando muito carinho, atenção, muito amor e ajuda em todos os períodos desta graduação.

Agradeço ao meu orientador, professor Rafael Gutierrez, que colaborou da melhor maneira possível para a realização deste trabalho com paciência e atenção.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Letras que me fizeram chegar a este dia com muita dedicação e riqueza de conhecimentos que pretendo levar sempre comigo.

Agradeço, por fim, a todos aqueles que subestimaram o meu conhecimento e capacidade ao entrar e concluir este curso.

*Uma menina tímida, delicada, sonhadora...*  
*Uma mulher decidida, forte e real. Foi o tempo*  
*que passou, modificou e aperfeiçoou.*

Célia Cristina Prado

MARIANA GONÇALVES CAMPOS DE BRITO

DRE: 117083688

## LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA AMÉRICA LATINA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Data de avaliação: 9/ 6/ 2021

Banca Examinadora:

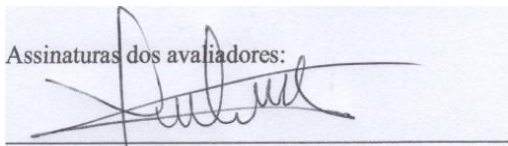
Rafael Eduardo Gutiérrez — Presidente da Banca Examinadora NOTA:

Rodrigo Labriola - Leitor Crítico

NOTA:

Prof. Dr. Setor de Literatura Hispano-americana - UFRJ

MÉDIA:

Assinaturas dos avaliadores:  


Rafael Eduardo Gutiérrez



Rodrigo Labriola

## RESUMO

A história da América Latina é marcada por violências, segregação de minorias, machismo, conservadorismo e patriarcalismo. Decorrente deste fato, a desigualdade de gênero é um reflexo desse processo que, ainda hoje, encontra-se vigente em muitos países, afetando a vida das mulheres em diversos aspectos e, inclusive, nos âmbitos familiares, de trabalho e da academia. Isto posto, no cenário da literatura é evidente a relação de poder entre os sexos a partir da análise da grande presença de homens reconhecidos se comparados às mulheres, revelando que o machismo velado permanece enraizado no ramo literário. É partindo destas reflexões que o presente trabalho traça um panorama da escrita de autoria feminina na América Latina, apresentando um breve histórico do feminismo mundial e, mais especificamente, na região latino-americana, onde o papel da mulher é pautado pelo patriarcado e onde os direitos das mulheres têm sido colocado na agenda pública graças aos movimentos feministas, possibilitando mulheres a ter representatividade e, até mesmo, ganhar visibilidade em ambientes que há décadas não pertenciam como, por exemplo, na literatura. Tal discussão é realizada a partir da revisão bibliográfica sobre o período e os temas que marcaram esses processos de luta feminista na América Latina.

**Palavra-chave:** Literatura Hispano-americana, América Latina, Mulher, Feminino, Feminismo.



## RESUMEN

La historia de América Latina es marcada por violencias, segregación de las minorías, machismo, conservadurismo y patriarcalismo. Debido de este hecho, la desigualdad de género es un reflejo de ese proceso que, aún hoy, encuentra vigente en muchos países, afectando la vida de las mujeres en diversos aspectos y, incluso en los ámbitos familiares, de trabajo y de la academia. Esto puesto, en el escenario de la literatura es evidente la relación de poder entre los sexos a partir del análisis de la gran presencia de los hombres reconocidos al comparar con las mujeres, revelando que el machismo velado permanece arraigado en el ramo literario. Es partiendo de estas reflexiones que el presente trabajo traza un panorama de la escritura de autoría femenina en América Latina, presentando un breve histórico del feminismo mundial y, más específicamente, en la región latinoamericana, donde el papel de la mujer es pautado por el patriarcado y donde los derechos de las mujeres han sido puestos en la agenda pública gracias a los movimientos feministas, posibilitando mujeres a tener representación y, incluso, a ganar visibilidad en ambientes que por décadas no pertenecían, a ejemplo en la literatura. Tal discusión es realizada a partir de la revisión bibliográfica acerca del periodo y los temas que marcaron esos procesos en la lucha feminista en América Latina.

**Palabras claves:** Literatura Hispanoamericana, América Latina, Mujer, Femenino, Feminismo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. FEMINISMO</b> .....	13
2.1. <b>Breve histórico</b> .....	13
<b>3. AMÉRICA LATINA</b> .....	18
3.1. <b>Crítica feminista</b> .....	18
3.2. <b>Literatura de autoria feminina</b> .....	22
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## 1. INTRODUÇÃO

Ao abordar a inclusão e a visibilidade das mulheres no campo literário é necessário trazer os principais pontos das transformações realizadas pelo movimento feminista. Assim, as mudanças histórico-sociais, em contexto mundial, resultaram no aumento relevante dos estudos relacionados à mulher e a abordagem feita por elas no campo literário que, principalmente a partir da década de 1970, começaram a reivindicar seu lugar na história.

Ao longo dos anos, os direitos das mulheres foram vetados. Apenas homens tiveram acesso e direito à educação, à jornada de trabalho, ao voto e à diversas leis que cabiam exclusivamente ao sexo masculino. Às mulheres, cabiam-lhes apenas o papel de mãe, dona de casa e esposa e ao homem caberia garantir proteção e sustento. Depois de muitos anos de lutas, as mulheres pouco a pouco passam a dominar outras áreas para garantir a sua independência financeira e profissional, assim como o comando familiar, antes tarefa reservada aos homens.

Grandes nomes femininos entraram na história, com o objetivo de se mobilizar contra o cenário caótico em que mulheres viviam desde o século XIX na Europa, ganhando força principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos. Este fato se faz presente hoje, em diversos países com a pauta principal de reivindicar os direitos igualitários de gênero, incluindo direitos institucionais e a liberdade com relação ao seu próprio corpo.

O movimento feminista vai ganhar força especial em meados do século XX com o início das ondas do feminismo, divididas em três fases, como se verá mais adiante. Mulheres começaram a questionar o que lhes era imposto pela sociedade, principalmente em relação à responsabilidade pela casa e pela família.

Isto posto, profundas lutas por espaços, respeito e igualdade foram marcadas por inúmeras mulheres no decurso das décadas. É, desse modo, sobre os interesses das mulheres que o feminismo se apoia e se dissemina nos diversos países. Assim, a partir das lutas das mulheres promovidas, principalmente, pelos movimentos feministas, o papel da mulher transformou-se com muita intensidade, inclusive no interior do campo literário, sendo capazes de problematizar o cânone masculino, incorporando em lugares de destaque, a escrita de autoria feminina.

Tendo tal quadro como contexto geral e objeto de estudos, o presente trabalho tem por objetivo central estudar e demarcar o espaço da escrita de autoria feminina latino-americana como ponto relevante no processo de integração da mulher na literatura contemporânea e os aspectos que levaram ao reconhecimento feminino dentro do campo literário. Observando reflexões presentes nas análises da teoria feminista, partindo de questões relacionadas à história narrada por homens e por mulheres, contrapondo esses dois tópicos. A metodologia usada foi a de revisão bibliográfica, análise e levantamento de dados coletados através de artigos, ensaios e livros.

Pretendemos analisar e levantar uma reflexão sobre como se deu a literatura de autoria feminina na América Latina e os impactos nas produções de hoje na região desde um breve histórico do feminismo no mundo e, mais especificamente, dos movimentos feministas latino-americanos. Para a construção da análise, este estudo divide-se em três capítulos de modo a relacionar feminismo e literatura feminina, dando destaque na produção latino-americana, investigando a realidade feminina e, inclusive, a problemática da representação feminina na literatura que sempre foi feita através do ponto de vista masculino.

O Capítulo 1 traz uma breve discussão teórico-conceitual acerca do feminismo, situando historicamente a construção do feminismo a partir do início do século XVIII. Ressaltando as três ondas que moldaram o feminismo e como deu-se a difusão a nível global dos diversos movimentos. É dessa forma que os movimentos das diversas mulheres ganham força política e social.

O Capítulo 2 apresenta a crítica feminista na região latino-americana. Parte-se do pressuposto de que o feminismo latino-americano difere do europeu e norte-americano desde as primeiras manifestações das mulheres, já que a América Latina faz parte do terceiro mundo com inúmeros problemas que deixam a luta feminista em segundo plano.

Já o segundo tópico analisa a literatura de autoria feminina na América Latina através de seu histórico na região desde o século XVIII até o período mais recente. Além de mostrar as diferentes representações femininas tanto na literatura de autoria feminina quanto na literatura de autoria masculina, visto que apresentam diferentes perspectivas acerca da mulher.

Por fim, o terceiro capítulo é direcionado às considerações finais, apresentando, de forma sintética, o resultado desta pesquisa e reflexão acerca da condição feminina na sociedade e, especificamente, na literatura latino-americana.

## 2. FEMINISMO

### 2.1. Breve histórico

Apontar a história do feminismo no perpassar da sua longa trajetória é necessário para estabelecer um panorama de modo a entender a luta das mulheres no mundo e, principalmente, na América Latina. Assim sendo, cabe ressaltar, de forma resumida, a formação desse movimento. Por certo, há mais de 200 anos a luta das mulheres e o surgimento do feminismo vem ganhando espaço cada vez mais em busca de respeito, igualdade de direitos e espaços na sociedade. Dessa maneira, há indícios de que o termo “feminismo” foi criado pelo filósofo francês Charles Fourier (1772-1837) e que sua utilização tem início nos fins do século dezoito.

Além disso, o feminismo é caracterizado por três ondas: a primeira, ocorrida entre os séculos XVIII, XIX e início do XX, diz respeito à luta pela igualdade dos direitos políticos e trabalhistas; a segunda, entre 1960 e 1980, foi ligada à sexualidade e ao combate à violência; já a terceira – e atual – teve seu início nos anos 90 e sua principal característica deu-se através da análise das diferenças entre as mulheres.

A consolidação das nações e do capitalismo, junto ao crescimento da desigualdade de gênero, levou às mulheres tradicionalmente a ocupar cargos de menos destaques na sociedade. Por conseguinte, não tinham voz, sendo assim subordinadas a aceitar o que era pautado pelo sistema patriarcal, dando mais visibilidade para os homens e garantindo mais oportunidades, enquanto as mulheres não eram privilegiadas. Este modelo é definido por Carosio:

“El patriarcado se sostiene en un conjunto de instituciones políticas, sociales, económicas, ideológicas y afectivas que producen y reproducen prácticas cotidianas colectivas y personales que se dan en lo público y en lo privado. La división sexual del trabajo, la feminización de la pobreza, la violencia contra las mujeres, la mercantilización del cuerpo femenino, el tráfico de mujeres y la prostitución, la maternidad obligatoria y desprotegida, la dependencia corporal y la sumisión afectiva, la segregación ocupacional y política, son solo algunos de los males que derivan del sistema patriarcal.” (CAROSIO, 2017, p. 65).

Com o propósito de mudar essa estrutura, a luta feminina começa no século XVIII a partir da difusão das ideias iluministas no período conturbado da Revolução Francesa (SILVA, 2009), momento em que os direitos de igualdade e liberdade como direito ao voto, à educação,

à propriedade, à jornada de trabalho e ao direito da mulher sobre o seu corpo eram privilégios negados ao sexo feminino.

O cenário começa a mudar quando é publicado por Marie Gouges (1748-1793), mais conhecida como Olympe de Gouges, em resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, o primeiro documento no qual se referia à igualdade jurídica entre ambos os sexos, em 1791: *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã). Por outro lado, “a mulher entra no cenário político, nos Estados Unidos e na Inglaterra, somente na segunda metade do século XIX” (SILVA, 2009). Assim sendo, após a divulgação do documento e morte da autora, o movimento foi marcado em três momentos denominados de *primeira onda feminista*, *segunda onda feminista* e *terceira onda feminista*.

A chamada *primeira onda feminista* teve mulheres ilustres na luta como Marx Wollstonecraft, Flora Tristán; Clara Zetkin; Alexandra Kollontai; Emma Goldman e Sojourner Truth. O seu primeiro registro foi por volta do século XIX, a princípio na Inglaterra, motivado por diversas opressões decorrentes das exigências de direitos que eram reservados apenas aos homens. Neste momento, as mulheres reivindicavam direitos básicos, tais como o direito ao voto, à educação, à vida pública e privada e a ocuparem uma posição de igualdade com relação aos homens, enquanto mulheres casadas, pois eram tratadas como submissas no relacionamento, onde seu papel de esposa era reduzido a responsabilidades sexuais e domésticas. (MONTEIRO, GRUBBA, 2017).

Neste primeiro momento, o feminismo foi marcado pelo movimento sufragista, questionando, sobretudo, a divisão sexual dos papéis exercidos entre homens e mulheres, bem como a diferença na liberdade e na política, pois o voto era reservado aos homens. Ademais, buscava-se incluir a mulher no espaço público, dado que a mulher ocupava o espaço privado (casa). Esse movimento era composto por mulheres brancas, pertencentes da classe média e da intelectualidade que realizavam campanhas pela igualdade legislativa e pelo sufrágio feminino. Essa primeira fase pode ser caracterizada como conservadora no que tange às questões da divisão sexual dos papéis de gênero, inclusive reforçava-os.

O movimento feminista da primeira onda partiu da necessidade de mulheres da classe alta e brancas que lutavam por direitos igualitários no casamento, na educação e o direito ao voto. Além do mais, englobava as causas proletárias como igualdade salarial. Essa primeira fase pode ser caracterizada como conservadora no que tange às questões da divisão sexual dos papéis de gênero, inclusive reforçava-os como afirmamos anteriormente.

A *segunda onda*, mais conhecida como o *feminismo radical*, teve seu início na década de 60 e vai até meados da década de 70 do século XX, época marcada pelo começo dos estudos femininos concentrados, principalmente, na situação da mulher na sociedade patriarcal. Além disso, as discussões pautadas pelas feministas dessa fase se caracterizaram pela luta por direitos reprodutivos e a respeito da sexualidade. Entre os principais nomes estão: Simone de Beauvoir; Betty Friedan; Kate Millet; Shulamith Firestone. Seu início foi marcado, nos anos de 1968 e 1969, por diversos protestos nos Estados Unidos após a realização do concurso de beleza *Miss Estados Unidos* com a justificativa de que as mulheres deveriam seguir padrões de beleza, tratando-as como objetos.

Neste período, buscava-se identificar o problema da desigualdade com o conjunto de problemas culturais e políticos, encorajando mulheres a serem politizadas e a combaterem as estruturas sexistas de poder, salientando o direito ao aborto e ao prazer sexual, criticando a ideia de que as mulheres cuidem apenas dos filhos e do lar. A mulher esteve reprimida, social e economicamente, à função reprodutiva sendo explorada constantemente. É a partindo deste ponto que as pautas eram acerca da sexualidade, da pornografia e dos direitos reprodutivos.

Para alterar esse quadro, com a ajuda do surgimento da comunicação de massa, as feministas incentivavam a reflexão de todas as mulheres acerca das desigualdades entre os sexos, incluindo discussões sobre a opressão das estruturas sociais, relacionando etnia, raça, gênero e classe social às relações de poder. Isto foi possível com o chamado Feminismo Interseccional, reconhecendo a multidiscriminação, compreendendo as diversas opressões e pautas (SILVA, 2016). Como resultado do movimento, a maioria das principais figuras eram mulheres brancas, pertencentes à classe média, causando insatisfação nas mulheres negras devido à desconsideração de outras demandas, visto que ainda lutavam para serem reconhecidas como seres humanos (BITTENCOURT, 2015).

Por fim, a *terceira onda* deu-se nos anos 1990. Tendo em vista o seu objetivo de corrigir as lacunas deixadas pela fase do movimento anterior, o feminismo passou por diversas transformações, servindo como uma retaliação a algumas iniciativas da segunda onda, procurando contestar as definições primordiais da feminilidade que se apoiavam nas experiências vividas por mulheres, britânicas e americanas, brancas da classe média alta, ou seja, acrescenta temas com o objetivo de englobar a pluralidade de mulheres de identidades variadas, incluído as mulheres negras, homossexuais e transexuais, assim como a inclusão de mulheres que antes não pertenciam à classe média, posto que suas lutas não eram pautas das

ondas anteriores, considerando raça, cor e religião, tornando-se no feminismo igualitário ou no feminismo da diferença:

“(...) a admissão da multiplicidade de vivências das mulheres numa sociedade. As experiências das mulheres em posição de elite – brancas, educadas, burguesas ou pequeno burguesas, heterossexuais – tende a ser apresentada como a experiência de todas as mulheres. Essa crítica, que era feita (...), foi estendida ao pensamento feminista em geral por autoras vinculadas às posições mais desprivilegiadas.”(BIROLI, MIGUEL, 2014, p. 53).

Além disso, o terceiro momento foi marcado por uma concepção pós-estruturalista, abordando, principalmente, as micropolíticas, nas quais refletiam acerca do bem-estar feminino, dado que todas as atividades políticas tinham o objetivo de ampliar as ações afirmativas e o aprimoramento da legislação de proteção à mulher através de acordos com os governos locais. Isto só foi possível através da discussão acerca da identidade de gênero, pois se torna essencial para que, através de reivindicações sociais, se possa formar um projeto político para todas.

Desse modo, autoras como Gloria Anzaldúa, Bell Hooks, Cherrie Moraga, Audre Lorde, Maxine Hong Kingston e Judith Butler marcaram o período levantando pontos acerca da mudança de estereótipos atribuídos às mulheres, principalmente pela mídia para definir como devem ser. É deste modo que o feminismo dos anos 90 dedica-se à questão da diversidade feminina, unificando as lutas sob o olhar da diversidade feminina e suas distintas demandas. De acordo com Carosio (2017, p.33), a Terceira Onda ainda está em desenvolvimento.

Assim, a análise feita acerca das “ondas” do feminismo, procurou-se resumir as diferentes formas de ação e as distintas dinâmicas desse movimento e de suas agendas no mundo. Como conclusão, podemos dizer que o feminismo serviu como um espaço de transformação do papel da mulher desde diversas perspectivas: mulheres negras, intelectuais, mães, homossexuais, etc.

É importante ressaltar, que mesmo com o passar dos séculos, a mulher ainda ocupa um papel marginal e subalterno em diversos setores o que se relaciona com os estereótipos culturais em que ambos os sexos estão inseridos a partir da influência opressora das instituições tradicionais públicas e privadas da sociedade. Assim, as condições atribuídas às mulheres se fazem presentes na sociedade do século XXI, visto que, as mulheres são, frequentemente, apresentadas como donas de casa e mães. Diante desse quadro, seguindo os estudos de Roseméri Back:



“(…) a figura da mulher vincula-se ao corpo, enquanto a figura do homem é associada à mente. Tal lugar comum decorre das práticas sociais do século XIX, quando a função das mulheres era a de organizar o poder privado, familiar e materno. Eram “heroínas domésticas”: deviam estabelecer “a harmonia do lar e a paz da família. Elas têm o poder – e o dever – de agir bem”. (BACK, 2012, p. 17).

Ainda que as mulheres vivam em um mundo de incertezas em que muitos dos seus direitos estão sendo questionados por conservadores, especialmente no momento em que se relaciona a mulher com espaços na política, a luta feminista mostra muitos pontos positivos. Incentivado pelas redes sociais, o ativismo feminino mostra, mais do que nunca, a sua eficácia através de novas ideias, promovendo campanhas de empoderamento, assim como a conscientização contra a violência doméstica e o assédio sexual nas ruas, nas casas, nos transportes públicos, nos trabalhos e em tantos outros ambientes frequentados por mulheres.

Com início no breve histórico do feminismo e as ondas que o compõem, nota-se que as lutas das mulheres pela igualdade de gênero sempre estiveram presentes nas diversas pautas apresentadas ao longo de décadas, reivindicando direitos iguais, com o objetivo de buscar cada vez mais a transformação da sociedade através da luta pelo fim do sistema opressor. É, entretanto, a contar do reconhecimento de que as mulheres ocupam espaços inferiores que o feminismo passa a atuar na sociedade, tornando-se decisivo para a inclusão, na agenda pública, dos direitos sexuais e reprodutivos, a saúde da mulher e a violência doméstica.

Portanto, o feminismo abriu diversas portas e, sem lugar a dúvidas, também possibilitou que outros sujeitos pudessem compreender sua existência através das mudanças nos imaginários referentes ao feminismo na educação, impactando na construção da identidade das novas gerações e transformando o modo de vermos o outro e como devemos respeitar as diferenças.

### 3. A AMÉRICA LATINA

#### 3.1. Crítica feminista

Nas últimas décadas, os movimentos feministas da América Latina conduziram numerosas mudanças sociais, culturais e políticas. O movimento surge, então, na região, a datar da segunda onda, com a luta do movimento ganhando força na década de 1960. A mulher latinoamericana vem se estabelecendo ativamente nos países da região conquistando direitos antes reservados aos homens como a participação política e o acesso ao mercado de trabalho. Além disso, passaram a questionar a posição política, cultural, religiosa e econômica das mulheres nos países latinos, visto que na América Latina o machismo é legalizado pelo Estado e, mais ainda, pela Igreja Católica.

Não obstante, de acordo com Gargallo (2007), anterior ao início do movimento na América Latina, mulheres brancas da classe média, do século XIX já apresentavam questionamentos acerca da desigualdade entre homens e mulheres. Assim, em conformidade com a autora, as feministas dessa época eram conservadoras em comparação com as estadunidenses e europeias, visto que:

“Confiaban todavía en que la política masculina como tal no las excluía, en un mundo donde los liberales se enfrentaban una y otra vez a conservadores católicos. No era lo mismo vivir en un continente que en 1823 era mayoritariamente gobernado por independistas liberales, que en la Alemania de 1823 donde los liberales eran apresados, colgados o enviados al exilio.” (GARGALLO, 2007, np).

No decorrer das décadas, e com atuação especial no marco das ditaduras militares, implantadas em diversos países da América Latina como na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Guatemala, Paraguai, Peru e República Dominicana, as mulheres se reúnem e organizam encontros que, nesse período, sofreram pela intensificação da censura, da violência e do conservadorismo. Nesses encontros, compartilhavam diferentes perspectivas a fim de construir meios políticos e culturais alternativos. Assim, a luta pelo fim da ditadura tornou-se um dos principais elementos dos feminismos latino-americanos e assim vem se fortalecendo graças a permanência ativa das mulheres que enfrentaram a ordem vigente nesses países e que, desde então, lutam por melhores condições de vida para as mulheres.

Nesse sentido, revoltas feministas nos anos 1970 e 1980 marcaram a década, pois, com a crise da democracia e dos regimes autoritários na região, surgiram importantes reflexões acerca da situação da mulher na sociedade, com o objetivo de buscar a garantia de direitos em favor da mulher, o fim do modelo patriarcal e a discriminação. “En estas décadas, y a partir de los análisis de los feminismos radicales, aparecen temáticas como: el cuerpo, la sexualidad, el derecho a decidir la maternidad, la identidad sexual” (ALONSO; DÍAZ, 2012, p. 79).

Desde essa época, diversos grupos formados por mulheres surgiram na região, o que levou a diversos encontros para discutir as inúmeras questões relativas aos interesses feministas e para que pudessem compartilhar suas diferentes perspectivas. Não obstante, esses eventos eram politicamente marginalizados em diversos países, o que não impediu as feministas latino-americanas desafiarem as normas tradicionais.

Dentro dessa perspectiva, uma das obras de maior relevância nesse período foi, de acordo com Corbata (2002), *La sartén por el mango*, escrita por Elena González e Eliana Ortega, que traz trabalhos de diversas autoras como:

“La crítica literaria feminista y la escritora en América Latina”, de Sara Castro Klaren, e “Las tretas del débil”, de Josefina Ludmer. Corbata também destaca a atuação de Sylvia Molloy e Beatriz Sarlo no livro *Women’s writing in Latin American* (1991). Essas autoras, em síntese, irão propor uma releitura das feministas francesas e anglo-americanas, pensando nas particularidades étnico-político-sociais do Terceiro Mundo.” (SILVA, 2009, p. 36).

Com o retorno da democracia, se inicia a valorização por parte dos movimentos sociais no que diz respeito às diversas formas de participação institucional e política como assembleias, fóruns, conferências, etc. Essas organizações tiveram como propósito desenvolver pautas reivindicativas. É por meio desses encontros, contemplando a autonomia e participação política, que os movimentos feministas latino-americanos vêm se fortalecendo. É importante frisar que o movimento feminista anticolonial e antipatriarcal sempre esteve como pauta das lutas da América Latina com o objetivo de garantir os direitos da mulher.

Ao nível da América Latina, os movimentos feministas:

“(...) se enfrentaron a un movimiento “en transición” hacia nuevas formas de existencia, que comenzaron a expresarse en diferentes espacios y con distintas dinámicas: desde la sociedad civil, desde la interacción con los Estados, desde su participación en otros espacios políticos o movimientos, desde la academia, desde el llamado ‘sector cultural’.” (CAROSIO, 2014, p. 244).

Uma das possíveis questões que diferenciam o feminismo europeu e norte-americano do latino-americano é que neste último se mantiveram o interesse de transformações nas relações sociais de produção e a luta contra o sexismo (STERNBACH et al, 1994, p. 74). Além desse ponto, partindo do pressuposto de que a América Latina é marginalizada, as feministas do chamado Primeiro Mundo, apesar da consciência da potência do movimento, voltam-se a distinguir as mulheres do Terceiro Mundo sob a ótica de que são vítimas da opressão e não como agentes de mudança dentro da corrente feminista.

Assim sendo, tinham o interesse em promover um projeto mais amplo de reforma social a exemplo dos direitos das mulheres, possibilitando o envolvimento de setores populares. Pode-se dizer que a crítica feminista na América faz um uso amplo das teorias europeias e norte-americanas. Todavia, hoje, é necessário “estabelecer um *corpus* teórico, fundamentado em suas respectivas circunstâncias, que apresente, portanto, as especificidades culturais latino-americanas”. (SILVA, 2009).

Partindo do parágrafo anterior, pode-se dizer que:

“El feminismo, en especial el feminismo latinoamericano, ha venido conformando un corpus teórico de reflexiones y desarrollos críticos que enriquecen la mirada, y aportan a la construcción de marcos conceptuales más completos y abarcadores para los procesos de cambio.” (VALDIVIESO et al, 2012, p. 12).

O feminismo possibilitou a quebra de barreiras e abriu um leque de oportunidades para as mulheres no mundo, inclusive, como um exemplo claro do resultado de longas lutas por direitos, mulheres passaram a ocupar cargos antes restritos apenas aos homens, como à presidência de diversos países da América Latina. Com mais acessos a serviços conquistados pela luta feminista, as mulheres ganham destaque nos órgãos institucionais, conseguindo, inclusive, inserir-se nos diversos cargos políticos.

Destarte, a primeira mulher latino-americana eleita foi Violeta Barrios, na Nicarágua. Além dela, muitas outras conquistaram esse espaço: Michelle Bachelet no Chile; Laura Chinchilla na Costa Rica; Dilma Rousseff no Brasil; Cristina Kirchner na Argentina (BACK, 2012, p.13). Além do mais, a Argentina merece destaque no que diz respeito à luta feminista latino-americana, já que tem sido o país “con más organizaciones feministas” na região (VÉLEZ, 2007, p. 43).

Segundo estudos de Faria e Moreno (2007), o debate feminista atual propõe que a integração seja feita através da atuação da mulher no mercado, com o objetivo de emancipá-las através da igualdade entre os sexos. Como resultado das lutas feministas, entre 2007 e 2015, diversas leis foram aprovadas que punem com rigor os diversos crimes praticados contra as mulheres, buscando diminuir os índices alarmantes de feminicídios na região. Seguindo os estudos acerca dos feminismos contemporâneos, podemos dizer que:

“Los feminismos latinoamericanos han venido actuando con una peculiar combinación de lucha política, movilización callejera, subversiones culturales, negociación y presión hacia los poderes oficiales, diálogos interculturales, junto con una reflexión permanente sobre los avances y las contradicciones de sus prácticas. las profundas transformaciones sociales y políticas en américa latina han ido de la mano del pensamiento feminista que se han forjado a través de las luchas sociales y de las grandes desigualdades entre hombres y mujeres.” (VALDIVIESO et al, 2012, p. 11-12).

Apesar dos avanços, o sistema capitalista-patriarcalista continua garantindo mais poderes de controle aos homens. Em contrapartida, reconhece-se que o lugar das mulheres se ampliou, passando a ocupar lugares centrais nas políticas públicas. Agora, observa-se o aumento do conservadorismo e a desigualdade, inclusive, a salarial se comparadas aos setores masculinos. Entretanto, recentemente, organizações promoveram demandas por direitos à educação, à liberdade de expressão, ao voto, à igualdade jurídica, ao controle econômico e, para as trabalhadoras, salários iguais entre os sexos. Ampliando os lugares centrais para as mulheres nas políticas públicas.

Nesse contexto de avanços e retrocessos, as mulheres continuam na resistência e na continuação da luta por melhores condições de vida, trabalho e direitos, pela emancipação por meio da consciência de raça, de gênero e de classe. Assim, o feminismo latino-americano enfrenta problemas para se igualar ao feminismo ocidental, visto que é necessário a análise da pobreza e o lugar que esses países ocupam comparados aos de primeiro mundo com alta tecnologia, melhores ingressos, infraestrutura, etc.

### 3.2. Literatura de autoria feminina

O termo literatura “feminista” vem carregando, desde a sua aceção, conotações políticas e é relacionado à luta por direitos e igualdade. Partindo deste ponto, Lobo (2011) destaca que :

“(…) o termo ‘feminino’ vem sendo associado a um ponto de vista e a uma temática retrógrados, o termo ‘feminista’, de cunho político mais amplo, em geral é visto de forma reducionista, só no plano das ciências sociais. Entretanto, deveria ser aplicado a uma perspectiva de mudança no campo da literatura. A aceção de literatura ‘feminista’ vem carregada de conotações, sendo, em geral, associada à luta pelo trabalho, pelo direito de agremiação, às conquistas de uma legislação igualitária ao homem no que diz respeito a direitos e deveres.” (LOBO, 2011, np).

Dentro desta perspectiva, indaga-se sobre a situação das mulheres escritoras que, em muitos casos, como ocorre com as diversas minorias, tiveram suas produções marginalizadas e silenciadas, sendo negligenciadas pelos homens o que teve como resultado o pequeno número de livros publicados por mulheres ao longo da história da literatura.

Além disso, como o espaço público era restrito ao masculino, diversas obras produzidas por mulheres serviram-se do espaço doméstico para pensar assuntos coletivos. De fato, o espaço feminino deve ser centrado exclusivamente na mulher, com o objetivo de trazer consciência feminina e tornar a mulher um ser visível e independente. Nesse ponto, a literatura de autoria feminina é vista como uma contraposição à ideologia autoritária, ao patriarcalismo e ao machismo, contra uma literatura produzida, visibilizada e valorizada em sua maioria por homens.

Nesse contexto, era muito comum que para que houvessem publicações de obras de autoria feminina, se utilizassem de pseudônimos masculinos ou, até mesmo, do anonimato. Dentre elas, as obras da escritora britânica Virginia Woolf (1882-1941), quem publicou artigos em defesa das condições enfrentadas por mulheres e, em especial, pelas escritoras da época. O uso recorrente deste recurso visa a proteção diante da sociedade e, sobretudo, a libertação feminina no ato da escrita e a legitimação de suas produções. Segundo a autora:

“(…) para um homem ainda é muito mais fácil do que para uma mulher dar a conhecer suas opiniões e vê-las respeitadas. Não tenho dúvidas de que, caso tais opiniões prevaleçam no futuro, continuaremos num estado de barbárie semicivilizada”. (WOOLF, 2012, p.51).

Na América Latina, poderíamos apresentar a freira mexicana Soror Juana Inés de la Cruz (1651-1695) como a primeira feminista da América Latina e a primeira a iniciar no século XVII a escrita feminina, questionando as normas vigentes da sociedade e da Igreja. Como parte da sua luta, a freira reivindicava direitos das mulheres à educação em diversos poemas, o direito de ler, escrever e estudar, assim como era permitido aos homens. De acordo com Lopes e Silva (2018), o poema *Hombres Necios* relatava temas como a liberdade de expressão feminina, tornando-se uma de suas principais obras. Em resumo, a obra de Juana Inés:

“(...) defende o direito das mulheres e expressa a necessidade que as mesmas têm de serem respeitadas como seres humanos. Tece ainda uma crítica ao sexismo ao atribuir como hipocrisia os homens condenarem a prostituição, uma vez que estes próprios eram os que se utilizavam dela.” (LOPES e SILVA, 2018, p.153).

O impacto da revolução francesa e industrial nos países europeus, impulsionou o desejo de mudança por parte das mulheres latino-americanas, começando pela educação. Com isso, a realidade da mulher que, antes era ausente na literatura, começa a mudar no momento em que a mulher conquista novos espaços que possibilitaram a busca da sua própria identidade e liberdade. Isto fez com que surgisse, na literatura, novos grupos de escritoras com maior visibilidade, antes marginalizadas, no século XIX, como:

“Gertrudes Gómez de Avellaneda (Cuba 1814-1873), Juana Manuela Gorriti (Argentina 1818-1892), Maria Firmina dos Reis (Brasil 185-1917), Mercedes Cabello de Carbonera (Perú 184-1909), Lindaura Anzoátegui (Bolívia 1846-1898), Clorinda Matto de Turner (Peru 1858-1909), e Adélia Zamudio (Bolívia 1854-1928).”. (GUARDIA, 2013, p. 18).

Ainda assim, observa-se um apagamento significativo de produções femininas na história da literatura hispano-americana no século XIX, mesmo crescendo seu reconhecimento nos últimos anos de maneira lenta. É nesse cenário que se dá o começo da mulher como autora, lutando contra os diversos obstáculos e garantindo o reconhecimento de grandes obras silenciadas pelos estereótipos de gênero. Além disso, hoje se reconhecem como obras que colaboraram para a formação da literatura nacional.

Já que não lhes era permitida a participação política e social na formação da América por não poderem exercer a sua individualidade, as mulheres encontram nos diários e cartas um meio de reproduzir e expressar a sua palavra e suas ideias sobre do espaço privado, sem deixar de escrever sobre a literatura, trazendo suas opiniões como pontos principais da produção. De acordo com os estudos de Rodrigues (2015) comprova-se que por muito tempo as mulheres

foram silenciadas e excluídas da literatura, pois pertenciam exclusivamente ao espaço privado, ou seja, ao lar e à família, impossibilitando o seu devido reconhecimento. Em outras palavras, havia a tentativa de afastar a mulher desse espaço exclusivo do homem.

Assim, mulheres tentam buscar a profissionalização da escrita, “já que o desejo de independência financeira passava pelo reconhecimento da sua produção e, conseqüentemente, de valor canônico ligado à ascensão financeira (SILVA, 2014, p. 155). Dito isto, ao final deste mesmo século, de acordo com Gargallo (2007):

“(...) mujeres mexicanas, brasileñas, argentinas y venezolanas de los sectores acomodados urbanos se reunieron para publicar periódicos en los que explayaban sus ideas acerca de qué eran con respecto a los hombres, daban a conocer sus cuentos y poemas y compartían noticias sobre modas y modales.”(GARGALLO, 2007, np).

Isto posto, a literatura de autoria feminina passou por mudanças significativas no final do século XIX e no século XX. Com efeito, devido à difusão do movimento feminista, na Europa e nos Estados Unidos, nas décadas de 60 e 70, se configurou um período de grande importância para intensificar a luta feminina. Mulheres passaram a ter mais liberdade e autonomia para produzir seus textos e com os avanços decorrentes das revoluções no mundo, as mulheres passaram a ter acesso às universidades e ao mercado de trabalho, assim como garantir a sua autonomia e independência financeira.

A partir da década de 80, a literatura já não é mais a mesma e a escrita da mulher ganha mais espaço no mundo das letras com o aumento de publicações e a divulgação de seus livros. Há, desta maneira, uma preocupação em recuperar e registrar a escrita produzida por mulheres deixadas no esquecimento, tornando a autoria feminina o foco de muitos estudos nessa década. No caso brasileiro, segundo Duarte (2009), nesses anos foi formado um grupo de pesquisadoras com o projeto de restaurar “escritoras do passado e reascender essa antiga memória” (DUARTE, 2009, p. 12). Como resultado desta pesquisa, verificou-se que há uma diversidade de mulheres e obras:

“E uma parte do resultado deste projeto são os dois volumes intitulados Escritoras brasileiras do século XIX, que estão publicados pela Editora Mulheres, de Florianópolis, sob a coordenação da colega Zahidé Muzart. O primeiro surgiu em 1999, com 910 páginas e 52 escritoras. O segundo, em 2004, com 1.170 páginas e 53 autoras, oriundas de diferentes regiões do país.



O terceiro, posso antecipar, encontra-se no prelo e também vai trazer novidades para o pesquisador da temática.” (DUARTE, 2009, p. 13).

Nesse sentido, a produção de autoria feminina foi preterida, por diversas razões, principalmente pelo preconceito e valores patriarcais, já que a maior parte dessa discriminação recai sobre a mulher e a coloca na condição inferior. Guardia (2013) chama a atenção sobre os assuntos abordados que apenas homens tinham o privilégio de escrever. Hoje, devido à liberdade de expressão garantida pelos feminismos, mulheres trabalham com temas antes classificados como masculinos, conquistando mais espaços para se expressar.

É a partir deste ponto que, ao refletir a respeito da escrita feminina, percebe-se o quão pouco se dedicaram à escrita sobre a história das mulheres e seus feitos, tornando-se necessário pôr em cheque as diferenças de percepções e valores masculinos. Desse modo, de acordo com Cesar (1999): “Mulher raramente deixa de escrever ‘como mulher’, e mesmo quando isso ocorre vem uma outra mulher por cima, uma leitora enfurecida, anos depois e estranhamente a lê como mulher.” (CESAR, 1999, p. 247).

Vale frisar que, de acordo com Zinami (2006), há uma relação entre a literatura de autoria feminina com a história da América Latina a partir da crítica de como a história foi escrita. Por certo, opina Guardia (2013, p.16), é necessária uma literatura reescrita por mulheres: “(...) uma nova maneira feminina de abordar o pensamento crítico, com uma orientação que permita conhecer e compreender esse outro lado da história surgido de outra margem”. A autora acrescenta ainda a relevância de textos escritos por mulheres: “(...) ler os textos escritos pelas mulheres, interpretando seus silêncios, e aquilo que criticam e interrogam da cultura tradicional, como meio de substituir o discurso falocêntrico e apropriar-se de uma identidade que lhe tem sido negada.” (GUARDIA, 2013, p.16).

Atualmente, a representatividade da mulher na literatura tem crescido consideravelmente. Schmidt (1995) afirma que, através da literatura, as mulheres conquistaram a sua própria identidade e a sua escrita, já que por muito tempo não eram representadas como mulheres reais. Em outras palavras, a mulher ganha espaço no momento em que alcança o fim de uma ideologia que a colocava nas margens da literatura, embora seu papel ainda precisa ser repensado na construção da literatura universal.

Há ainda, uma crítica ao termo literatura feminina que, de acordo com Iglesias (2017), existem dois gêneros literários: o da mulher e o do homem. Na literatura escrita por mulheres

são apresentadas regras próprias e com temas distintos daqueles presentes na literatura escrita por homens. Entretanto, a literatura escrita por mulheres, ainda assim, mostra-se invisibilizada

A partir das pesquisas de Iglesias (2017), deve-se ter em conta a literatura feminina e a literatura de mulheres, pois “una literatura femenina, o una literatura para mujeres, es asimismo necesaria en un contexto en que la experiencia normativa es la masculina y en el que la diferenciación social de roles de género es aún tajante.” (IGLESIAS, 2007, p.19). Segundo os estudos de Duarte (2003), o que leva à exclusão da literatura de autoria feminina está relacionado ao preconceito e a negação em aceitar uma literatura vista por outra ótica, pois a literatura é aceita, pelas regras da sociedade burguesa, na produção da vertente escrita por um único olhar (o masculino), excluindo a produção de mulheres. Nesse caso, a diferenciação entre os dois tipos de literatura se faz presente no momento em que a literatura não é, necessariamente, escrita por mulheres, mas sim textos destinados ao público feminino.

Em relação à representação tradicional da mulher nas obras escritas por homens há, em geral, uma idealização de como é e de como deveria ser o feminino. A imagem da mulher não coincide com a realidade feminina e serve, pelo contrário, para mantê-la no formato dos padrões da sociedade, com o objetivo de ditar os comportamentos da mulher, além disso, de acordo com Brandão (2004), torna-se o produto de um sonho e o que seria a “mulher ideal”: “A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível.” (BRANDÃO, 2004, p.11). Dessa forma, a imagem reproduzida pelos homens é o produto dos arquétipos femininos que são inseridos no inconsciente da sociedade que dita comportamentos da mulher que não são descritos e sim, sonhados.

Ainda sobre os estudos de Zinami (2006), a autora expõe que há diferenças entre as experiências de homens e de mulheres enquanto leitora e escritora. A autora acrescenta:

“Como consequência, a atenção da crítica foi atraída para obras de ficção produzidas por mulheres em que elas constituem o sujeito e não mais o objeto do foco narrativo, na medida em que refletem a condição feminina ou se debruçam sobre um acervo cultural silenciado.” (ZINAMI, 2006, p. 254).

A escrita de autoria feminina, influenciada pelo pensamento feminista, busca retratar a luta por direitos iguais, espaços e reconhecimento, além de trazer como demanda em suas obras,

reflexões acerca do universo feminino, das diferenças entre o posicionamento de ambos os sexos na sociedade patriarcal afetada pelas relações de poder, narrando a sua própria história.

Assim, em concordância com Brandão (2004), a literatura de autoria feminina difere da masculina:

“Diferença enorme se percebe nos textos femininos, nos quais as fantasias e sonhos se fazem encenar na superfície em que ganham forma, à qual se reveste de novas e inéditas aparências, nem sempre confortáveis; as vezes plenas de um inquietante sentido gerador de novas significações. É no leito onde se tecem as palavras -o texto ficcional- que elas revelam sua potencialidade criadora de novos caminhos, imprevistas soluções, inesperadas veredas.” (BRANDÃO, 2004, p.14).

Seguindo este ponto, percebe-se na literatura de autoria feminina, a existência de um discurso político, isto é, a literatura parte da tomada de consciência de seu papel social, revolucionando, através da história, a literatura vigente até os dias de hoje, atingindo o público leitor e produtor feminino, libertando-se de séculos passados e introduzindo suas vozes através de movimentos artísticos e literários, como o Barroco e o Romantismo (Lobo (2011)), além de diversos gêneros e variados temas como a subjetividade, o misticismo, o erotismo, a morte, a maternidade, o aborto, o abolicionismo e a política.

Segundo os estudos de Branco (2004) a escrita da mulher está inserida na temática do romantismo, abordando questões relacionadas ao amor para o público feminino e “são as musas românticas que vão desenhar a figura das donzelas e senhoras da época.” (BRANCO, 2004, p. 105). Além dessa temática, outro tema que causa desconforto naqueles que leem produções femininas é o erotismo que, ainda nas reflexões de Branco, causa desconforto nos críticos e leitores, devido aos antigos preconceitos, diferentemente ao que acontece com a escrita masculina, que é abraçada pelo patriarcado, impedindo mulheres de escreverem sobre o próprio corpo ou sobre os seus prazeres.

Portanto, a literatura feminina é feita através das experiências adquiridas ao longo dos anos nesse sistema vigente e opressor, fazendo com que a mulher seja ela mesma o seu próprio sujeito. Concordando com Lobo (2011):

“É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua *persona* na narrativa, mostrando uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão. Neste sentido, sempre houve autoras

"feministas" dentro do contexto de suas épocas, tornando-se o termo impróprio apenas por uma questão cronológica." (LOBO, 2011, np).

A partir da análise referente aos estudos de autoria feminina na América Latina, notase, de acordo com Lobo (2011), que as teorias utilizadas pelos latino-americanos são baseadas em pesquisas de países desenvolvidos, o que, de certa forma, não abarca a realidade literária latino-americana que tiveram suas histórias apagadas e não contadas sendo pouco analisadas pela crítica literária até os dias de hoje. Dessa maneira, é necessário "estabelecer um corpus teórico, fundamentado em suas respectivas circunstâncias, que apresente, portanto, as especificidades culturais latino-americanas". (SILVA, 2009).

Como podemos constatar, a medida em que as mulheres conquistam o espaço literário, afasta-se, cada vez mais, o machismo e o patriarcalismo na América Latina, disponibilizando o acesso à leitura e à escrita de acordo com o ponto de vista da mulher, rompendo com a exclusividade masculina que, por um grande período, teve o privilégio das letras.

Sem dúvida, a literatura latino-americana já percorreu um longo caminho de conquistas no universo das letras, servindo como um espaço de libertação para as mulheres de hoje que é resultado da resistência e da persistência das mulheres que vieram antes na luta pelo fim do patriarcado. As reivindicações propostas pelo feminismo abriram também novas portas para se pensar as práticas literárias, investigando, assim, como a mulher é representada, rompendo com os padrões definidos pelo patriarcado na construção de personagens femininas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da história a mulher foi excluída do contexto literário e de diversas outras áreas. A América Latina, ainda hoje, revela traços deixados pelo machismo em todas as esferas sociais. No passado, a mulher enfrentou diversos processos de inclusão na sociedade mesmo com o pouco acesso à educação e impedida de publicar suas obras. Atualmente, devido à desigualdade de gênero, ainda vemos marcas dessa realidade, já que são impossibilitadas de garantir plenamente o seu lugar de fala no campo da literatura. Algo que vem mudando graças às pesquisas sobre a literatura de autoria feminina e as conquistas que tem permitido dar voz e visibilidade a suas produções.

No início deste estudo estava a preocupação por entender as dificuldades da mulher escritora e as formas da representação feminina na literatura. Esta pesquisa buscou conhecer, resumidamente, o movimento feminista como expressão de direitos e respeito às mulheres. Tentamos evidenciar alguns dos acontecimentos da trajetória histórica que levaram mulheres à luta por seus direitos na sociedade, dando-lhes a devida importância. Este trabalho retrata o nosso desejo em expor as condições subalternas da mulher na literatura, evidenciando a resistência da mulher escritora diante da sociedade machista.

Compreendemos, através de nosso estudo, que o movimento feminista se mantém ativo e cada vez mais forte nos diversos países da América Latina com novas demandas e reivindicações das mulheres na contemporaneidade. Enfrentando diversos desafios ao longo dos anos, tanto frente a suas próprias sociedades, como ao interior do próprio movimento. É desse modo que as mulheres tiveram acesso à educação superior e contato com a pesquisa científica. Assim, alianças são formadas para inovar suas ideias em busca de novos espaços na literatura que ainda são ocupados, em sua maioria, por homens, devido à persistência da ótica sexista, machista e discriminatória.

A luta das mulheres não é somente por uma igualdade econômica e política, como também para libertar-se das imposições construídas pela cultura machista. Desse modo, como já declarou Beauvoir (1967): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9), desconstruindo o essencialismo no que tange aos gêneros, expondo que os modelos de feminilidade e masculinidade construídos socialmente são passíveis de mudanças.

O traço primordial dos estudos feministas na literatura latino-americana tem a perspectiva de mostrar como a opressão da mulher tem operado em diversos níveis ao longo das décadas. Percebe-se como as mulheres enfrentaram o modelo patriarcal e machista vigente até o atual momento, ainda seja mais brando graças às lutas feministas e as suas conquistas. Como escreve Anzaldúa (2000): “A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver.” (ANZALDÚA, 1980, p.232).

A literatura escrita por mulheres permanece à margem, ainda constituindo uma minoria dentro do amplo campo da literatura mundial. Por isso, a literatura de autoria feminina representa uma transgressão. Passando a falar e escrever desde seu ponto de vista e de suas experiências na literatura, o reconhecimento da escrita das mulheres está cada vez mais sendo validado nas academias e no mercado - ainda que obras de autoras de séculos mais distantes continue ausente. Neste sentido, a crítica feminista exerce uma relevante função na luta pela restauração de nomes esquecidos, tornando-se um trabalho de coragem e resistência para que as próximas mulheres escritoras sejam valorizadas e conquistem cada vez mais o espaço e o reconhecimento que merecem.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.229-236, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

ALONSO, G.; DÍAZ, R. **Reflexiones acerca de los aportes de las epistemologías feministas y descoloniales para pensar la investigación social**. Debates Urgentes: Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 75-98, 2012.

BACK, R. A. **Vozes femininas, literatura, história e memória: a doce canção de Caetana, de Nélide Piñon, e Eva Luna, de Isabel Allende**.2012. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Rio Grande do Sul, 2012.Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/19.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Feminismo e política: uma introdução. In: MIGUEL, L. F. **A identidade e a diferença**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 50-58.

BITTENCOURT, N. A. **Movimentos Feministas**. InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 198–210, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/18804>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CAROSIO, A. **Feminismo latinoamericano: imperativo ético para la emancipación**. Buenos Aires: Editora CLACSO, 2014, p. 229-252. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/giron/11caro.pdf>>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas Feministas Para Ampliar Horizontes Del Pensamiento Crítico Latinoamericano**. Feminismos, pensamiento crítico y propuestas alternativas en América Latina. Buenos Aires: Editora CLACSO, 2017. p. 17-42. Disponível em: [https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/libro\\_detalle.php?id\\_libro=1270](https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/libro_detalle.php?id_libro=1270). Acesso em: 23 de mar. de 2021.

CESAR, A. C. **Crítica e tradução**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CORBATA, J. **Feminismo y escritura femenina en Latinoamérica**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

DUARTE, C. L. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo, vol.17, n. 49, p.151-172, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em 05 de maio de 2021.

DUARTE, C. L. **Arquivos de mulheres e mulheres arquivadas: histórias de uma história malcontada**. Niterói: Revista Gênero, v. 9, n. 2, p. 11-17.

FARIA, N.; MORENO, R. **Feminismo e integração da América Latina e do Caribe**. São Paulo: SOF. 2007. Disponível em: [http://www.sof.org.br/wpcontent/uploads/2016/07/caderno\\_10.11.07.pdf](http://www.sof.org.br/wpcontent/uploads/2016/07/caderno_10.11.07.pdf)>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

GARGALLO, F. Feminismo Latinoamericano. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer** [online], Caracas, vol.12, n.28, pp. 17-34, 2007.

GUARDIA, S. B. **Literatura e escrita feminina na América Latina**. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 18, p. 15-44, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 19 de abr. de 2021.

IGLESIAS, R. G. **¿Literatura femenina, literatura de mujeres o literatura para mujeres? Reflexiones en torno a la necesidad y los peligros de las etiquetas**. Universidad de Ovideo, 2017. p.15-28.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>> Acesso em: 20 de maio de 2021.

LOPES, A. G. O.; SILVA, A. D. da. Precursora da crítica feminista? Quem foi Juana Inés de La Cruz? **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 4, ed. esp., p. 149 – 162, dez, 2018.

MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas. **Direito e desenvolvimento**, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017.

RODRIGUES, T. A. **Identidades em Movimento: a representação feminina e as relações de gênero na obra de Ângela Carter**. 2015. 188 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, ASSIS, 2015. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132199>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

SILVA, F. M. **A autoria Feminina na Literatura Portuguesa: reflexões sobre as teorias do Cânone**. Lisboa: Colibri, 2014.

SILVA, J. S. da. **Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, V. C. A. **Da interseccionalidade ao movimento feminista: uma tentativa de conceituação do feminismo enquanto movimento social**. Encuentro Latinoamericano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.



STERNBACH, N. S. *et al.* Feminismo en América Latina: de Bogotá a San Bernardo. **Revista de Estudios Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p.255-295, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16213>>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

VALDIVIESO, M. *et al.* **Feminismo y cambio social en América Latina y el Caribe**. Coordinado por Alba Carosio. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20120912031117/Feminismoycambiosocial.pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

VÉLEZ, G. E. B. La lucha de las mujeres en América Latina: feminismo, ciudadanía y derechos. **Revista Palobra, palabra que obra**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 42–59, 2007. DOI: 10.32997/2346-2884-vol.8-num.8-2007-225. Disponível em: <https://revistas.unicartagena.edu.co/index.php/palobra/article/view/225>. Acesso em: 7 de jun. de 2021.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ZINAMI, C. J. A. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. **Métis**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 9, p. 253-270, 2006.